A TRÍPLICE COMBINAÇÃO, EM PARES, DAS LÓGICAS DE BASE

Temos postulado, desde o início, uma estrita correspondência entre lógica (pensamento) e realidade. Se assim, caberia indagar se esta correspondência continuaria válida ou significativa, não apenas para as lógicas tomadas isoladamente, mas agora, para um par qualquer de lógicas. Mais especificamente: se a um par de lógicas poderíamos adjudicar uma realidade própria, não totalmente redutível às realidades visadas pelas lógicas componentes do par em questão? É o que tentaremos a seguir esclarecer cingindo-nos apenas aos pares lógicos pertencentes ao universo das lógicas de base — I, D, I/D, $D/^2$. Consideradas as quatro lógicas de base é possível a formação de três pares de pares complementares, cada par complementar referindo-se a um particular eixo de clivagem a saber:

a) eixo **interioridade (subjetividade)/exterioridade(objetividade)** formando os pares complementares (I, D) e (I/D, $D/^2$);

b) eixo **identidade/diferença** formando os pares complementares (I, I/D) e (D, $D/^2$);

c) eixo **masculino/feminino** formando os pares complementares (I, $D/^2$) e (D, I/D).

Ver figura .....a

TRÍPLICE COMBINAÇÃO DAS LÓGICAS DE BASE

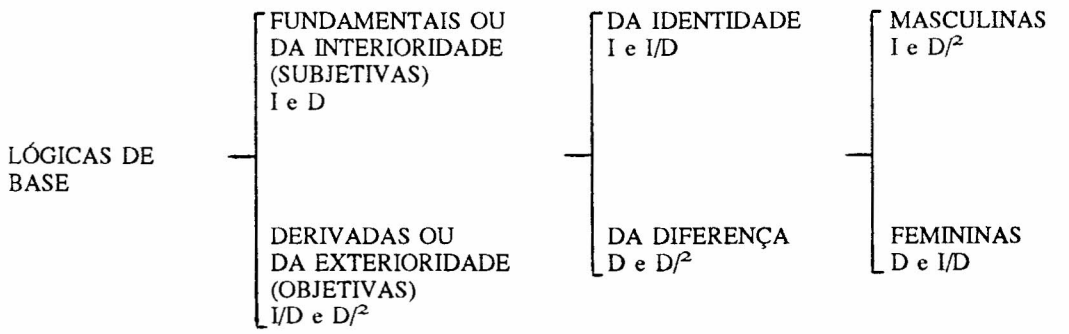

FIGURA .....a

A noção de **par lógico**, aqui, quer significar que existe um mínimo de afinidade ou articulação entre as lógicas a ele pertencentes quando em contraposição ao conjunto das lógicas do par complementar. Esta afinidade ou articulação, entretanto, não chegaria a se constituir numa verdadeira síntese dialética — se assim fosse, ao invés de termos, por exemplo, o par (I, D), teríamos, sim, uma única lógica I/D. Conseqüentemen-

te, deveremos também admitir a existência de uma certa tensão entre os membros do par, podendo aí haver mesmo a dominância de uma lógica sobre a outra.

Iremos agora verificar que os três modos de clivagem das lógicas de base têm uma enorme significação antropológica, em particular, o terceiro deles. No primeiro — interioridade/exterioridade — temos uma separação entre o mundo da interioridade ou subjetividade dominado pelas lógicas I e D que visam, respectivamente, a consciência-projeto e o inconsciente, e o mundo da exterioridade ou objetividade dominado pelas lógicas I/D e D visando, respectivamente, a história e o sistema. De uma parte, vamos encontrar, ao mesmo tempo, a articulação e tensão permanente entre a auto-determinação abstrata e o desejo libidinal, entre o "espírito" e a "carne", entre o ego (fenomênico) e o id; de outra parte, o que vemos é a permanente articulação/tensão entre o movimento e o repouso, entre o ser-histórico e o ser-sistêmico ou ser-orgânico, entre o ego objetivo e o super-ego. Ver figura .....bA.

PARES OPOSTOS DAS LÓGICAS DE BASE

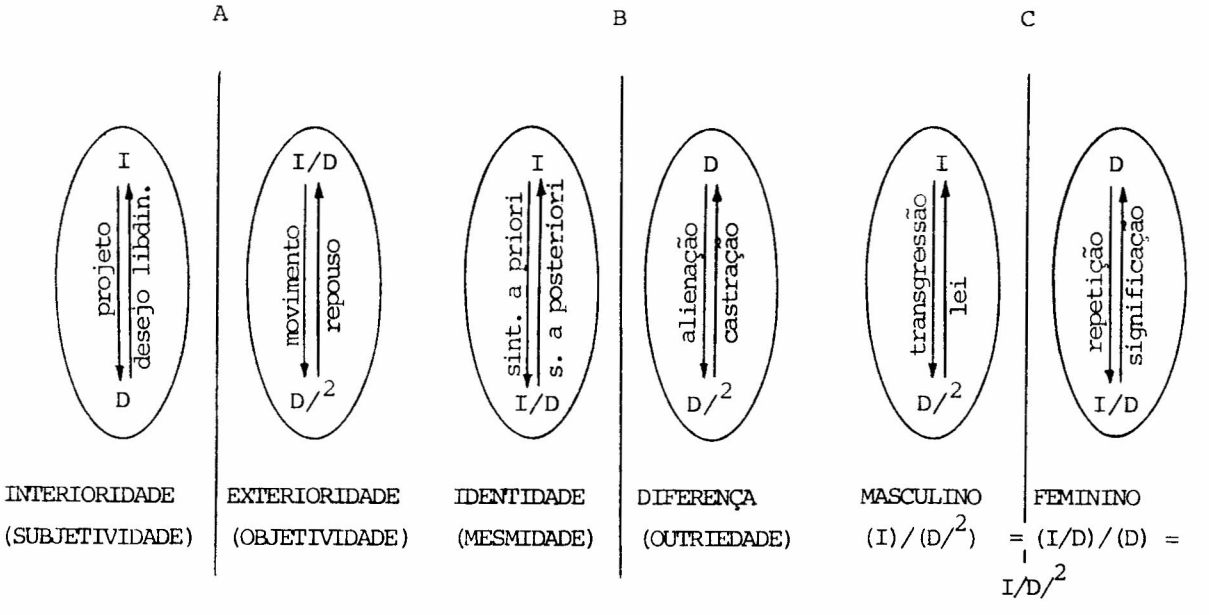

FIGURA .....b

Na clivagem identidade/diferença temos, de um lado, o pensar sintético em geral, e de outro, o pensar analítico, também em geral; o primeiro, fazendo emergir o mundo como totalidade; o segundo, fazendo-o emergir como jogo irredutível de diferenças. No par sintético — (I, I/D) — malgrado a articulação postulada, subsiste, como já advertimos, a tensão entre síntese *a priori* e síntese *a posteriori*, entre imposição de projeto e agenciamento oportuno (por vezes, oportunista), entre o ego fenomênico e o ego mediador ou objetivo. No lado oposto, temos o par analítico — (D, $D/^2$) — onde a articulação é óbvia, mas a tensão ainda vigora entre uma diferenciação aberta e uma dife-

renciação fechada ou orgânica, entre criatividade e disciplina, entre a irremediável alienação e a submissão à castração, enfim, entre o id e o super-ego. Ver figura .....bB.

Chegamos, ao cabo, à clivagem masculino/feminino que opõe, de um lado, o par lógico (I, $D/^2$), e de outro, o par (D, I/D); das três, sem dúvida, esta é a de maior importância. Só nesta clivagem verifica-se uma perfeita simetria, pois, tomando-se o par masculino e fazendo hipoteticamente a síntese de suas lógicas componentes — (I)/($D/^2$) — temos como resultado $I/D/^2$, o mesmo acontecendo com o par feminino — (I/D)/(D). Isto evidencia que se trata de uma clivagem essencial do ser-subjetivo, vale dizer, que os referidos pares se constituem em modos excludentes e complementares de realização do ser-subjetivo-em-sua-integralidade. A titulação destes pares como masculino/feminino é uma proposta de Lacan, que só pode ser devidamente reconhecida pela prévia identificação dos quatro **matemas** lacanianos da sexualidade às quatro lógicas de base. A propósito, ver nosso artigo *Lacan et les logiques* ( ).

Podemos, entrementes, bem justificar tal titulação sem o recurso à mediação lacaniana. Para tanto, começaríamos observando que, como duração indeterminada, só as mulheres de fato existem. Elas saem, natural e objetivamente, umas das outras como se constituissem uma vara telescópica. Cada mulher, de certo modo, é o desdobramento de sua própria mãe e se vê subsistir em sua filha: seu pensar objetivo, conseqüentemente, inclina-se pela lógica de totalidade objetiva, lógica da história, dialética. Ante esta constatação "objetiva", seu pensar "subjetivo" recusa a exercer-se como pensar-se-projeto, que outra coisa não é, que projeto-de-drástica-intervenção em seu próprio vir-a-ser objetivo. Fazê-lo seria atentar contra si própria. Assim, o pensar feminino, "subjetivamente", insiste em manter-se, na lógica da diferença, alternando entre seus dois modos de realização — lógico-paradoxal e lógico-intuicionista. É o que vulgarmente denominamos **intuição feminina.**

Anti-simetricamente, o masculino não tem futuro objetivo. Qual de nós homens não se sentiu desagradavelmente, diríamos mesmo, traumaticamente impactado ao tomar conhecimento do papel instrumental e trágico, dos zangões no processo reprodutivo das abelhas?!

A afirmação objetiva do masculino exige a espacialização da realidade, mais que isso, sua espacialização fechada, vale dizer, sua sistematização. É necessário que a realidade torne-se axiomaticamente geométrica; seu próprio falo — ou qualquer de suas tantas metáforas, particularmente a barra de platina iridiada entronizada no Museu de Pesos e Medidas de Paris — instituindo-se, destarte, como instrumento de medida de todas as coisas. Em outras palavras, a sobrevivência "objetiva" do masculino exige que se aprisione a realidade num pensar lógico clássico, pensar comprometido, tanto com o princípio do terço excluso, delimitador de um universo ainda que arbitrário, quanto com a mumificação do vero princípio da identidade, por conseqüência, com a neutralização da consciência e da temporalidade. Correlatamente, sua cabeça precisa privilegiar o ser-projeto, projeto de mumificação de todo vir-a-ser, projeto de sistematização total da

realidade; seu pensar "subjetivo", por conseqüência, se assumindo, com exclusividade, lógico transcendental.

A pseudo-síntese das lógicas transcendental e clássica é pois o modo de visar a realidade como ser-subjetivo-masculino; a pseudo-síntese das lógicas da simples diferença e dialética se afigurando, anti-simetricamente, como o modo de visar a realidade como ser-subjetivo-feminino. Cada uma destas pseudo-sínteses não pode ser propriamente identificada com $I/D/^{2}$; só a síntese de ambas o pode verdadeiramente. Em suma, como dissemos, a clivagem em apreço é de maior relevância antropológica, pois, é ela que estatui a base lógica da discriminação sexual humana, que vem se superpor, imperativamente, à homônima discriminação biológica.

A propósito, vale aqui lembrar Lacan que afirma que masculino e feminino são modos de inserção no discurso; apenas precisaríamos nós: na discursividade. A afirmação, que a princípio soa estranha, deixará de sê-lo se observarmos, tal como foi feito no item 3.3 precedente, que a lógica do ser-falante é coincidente com a lógica do ser-subjetivo-em-sua-integralidade. Dissipa-se assim, num zás, o "mistério" da formulação lacaniana. Ver figura .....bC.

Devemos aqui nos deter um pouco e meditar em maior profundidade. O desvelamento e tematização da oposição masculino/feminino, posta em pé de igualdade com as tradicionais oposições interioridade (subjetividade)/exterioridade (objetividade) e identidade/diferença é um acontecimento de capital importância na história do pensamento. Com ele vê-se completado o quadro das alternativas de articulação dos pares de pares opostos dentre as lógicas de base (I, D, I/D e $D/^{2}$).

A esta altura poderá alguém objetar que a relevância por nós atribuída à oposição masculino/feminino não é assim tão nova. Que, até pelo contrário, ela é uma constante do pensamento mítico por toda parte. Poderia este alguém apelar, por exemplo, ao testemunho de Balandier ( ) que se dedicou ao estudo das estruturas mitológicas dos povos da África Negra, e aí notou a insistência explicativa da referida oposição, principalmente nos relatos sobre a criação, sobre a ordem do mundo e as obras civilizatórias, e ainda, sobre o caráter problemático de todas as formações sociais. Este mesmo fenômeno ocorre noutras partes do mundo e até hoje pode-se atestar a sua presença indelével na repartição dos substantivos comuns por gêneros, ao que saibamos, em todas as línguas conhecidas. Sobre tudo isto, nada a objetar. Entretanto, contra-argumentaríamos fazendo notar que sob os mesmos significantes — masculino/feminino — podem estar subsumidas realidades radicalmente distintas; e este é aqui precisamente o caso. A oposição mítica acima referida é, na verdade, de fundo eminentemente biológico e bipolar, enquanto que aquela a que nos referimos, moderna, é de fundo lógico e quadripolar. Somente com esta enorme diferença em mente — homóloga a que encontraríamos entre sexualidade animal e sexualidade humana — é que se poderá, como ora fazemos, apreciar um tão importante acontecimento filosófico.

Continuando, observaríamos que nosso radical compromisso com a estrita correspondência entre pensamento (lógica) e realidade, obriga-nos a admitir que o desvelamento dos pares lógicos masculino (I, $D/^2$) e feminino (D, I/D) constitui-se num verdadeiro acontecimento onto-lógico; que por vez primeira, defrontamo-nos com a verdadeira essência do ser humano enquanto ser-sexual — homem e mulher. Concomitantemente, estamos alçando **masculino** e **feminino** ao estatuto de conceitos fundamentais da filosofia. Não nos parece pouco!

É precisamente isto, a nosso ver, que faz com que, ainda que desconfiadamente, sejamos obrigados a considerar Lacan um dos maiores pensadores, não apenas da atualidade, mas da história do pensamento ocidental. É verdade que os méritos devem ser compartilhados com toda a linhagem dos pensadores da diferença — começando com Kierkegaard e chegando até Freud — responsáveis pelo prévio e progressivo desvelamento da **lógica da diferença** e de sua correlata realidade — o **inconsciente.** Sem a lógica da diferença (D) não teríamos chegado ao término do processo de desvelamento das lógicas de base, nem à exata compreensão da lógica clássica como lógica da dupla diferença ($D/^2$); nem, por derradeiro, à compreensão lacaniana do ser-sexual.

Daí, não termos dúvidas que se vive hoje um momento muito especial na história da cultura, pois acaba-se de atingir o umbral de uma das possíveis sendas que podem levar o homem, enfim, ao desvelamento e consumação de sua própria destinação. Pressentimos, também, que não será uma tarefa fácil; especificamente, ser-nos-á requerido o efetivo exercício de algo absolutamente novo — uma hiper-praxis exigente, tanto da fé irrestrita, quanto do mais destemido engajamento.

Se, conforme acreditamos, $I/D/^2$ e, correlatamente, o homem, constitui-se no ápice da escala onto-lógica mundana, estaremos obrigados a ver no desvelamento da essência lógica do par masculino/feminino algo absolutamente revolucionário, de significação não restrita apenas ao campo da filosofia, mas extensiva à própria história do cosmos. A propósito, seria curioso notar o quanto tudo isso encontra eco no que hoje se passa nos arraiais da cosmologia especulativa, que começa a farejar, se bem que um tanto timidamente, a existência de uma harmonia originária entre o cosmos e o homem — é o que lá se denomina **princípio antrópico.** Sobre este tema, consultar o capítulo .... de nosso trabalho *O mundo concreto: tempo-espaço e materialidade; partículas e forças* ( ).

BIBLIOGRAFIA

1. BALANDIER, Georges. *Anthropo-logiques*. Paris, P.U.F., 1974.

2. BARROW, J.D. & TIPLER, F.J. *The anthropic cosmological principle*. Oxford, Oxford U.P., 1989.

3. SAMPAIO, L.S. Coelho de. *O mundo concreto — tempo-espaço e materialidade; partículas e forças*. Rio, I. Cultura-Nova, 1988.

4. ———. *Lacan et les logiques*. (Aceito para publicação).